

LITERATURA INFANTIL E FILOSOFIA: BRINCANDO DE PENSAR COM ULA¹

Ana Luisa Klein Faistel²

Diversos livros de literatura infantil estabelecem laços com a filosofia. Contudo, existem livros específicos como o produzido por Sérgio Sárdi, “*Ula. Brincando de Pensar*” (2004). Nessa literatura, o autor mostra o sentido do filosofar a partir das experiências e das inquietações da protagonista da obra. O livro utilizado no projeto desenvolvido com o 5º ano e que será apresentado nesse relato de experiência, desafia os leitores a colocarem-se no lugar de Ula, pensando e discutindo as questões por ela apresentadas. Dewey (1975, p. 31), considera que “[...] o hábito de aprender diretamente da própria vida, e fazer que as condições da vida sejam tais que todos aprendam no processo de viver, é o produto mais rico que pode a escola alcançar”.

O papel da educação consiste em reconstruir e reorganizar as experiências vivenciadas pelos alunos, possibilitando a estes uma melhor percepção do seu sentido. Sardi (2017, p. 01) destaca que “Aprender a filosofar consiste em um processo gradativo, relacionado não só ao desenvolvimento de todas as nossas habilidades cognitivas, mas a um aprendizado emocional”. Ao explorar uma literatura, o professor tem como papel coordenar a discussão do grupo e a explicitação dos temas apresentados em cada parte do livro. Seu trabalho consiste em estimular as crianças a elaborarem suas próprias questões e a expressarem de diferentes formas a sua compreensão a respeito da vida e do mundo.

Ao explorar questões filosóficas não há a pretensão de chegar a uma resposta certa, mas de propiciar um diálogo que contribua para a elaboração de conceitos que ajudem cada aluno compreender a própria sua própria vida. Dewey (1975, p. 31) concebe que “a vida não é mais que um tecido de experiências de toda sorte; não podemos viver sem estar constantemente sofrendo e fazendo experiências. Por isso a vida é toda ela uma longa aprendizagem”. Vida e aprendizagem não se podem separar. Simultaneamente vivemos, experimentamos e aprendemos. Dewey (1975, p. 32), afirma que a educação tem uma íntima relação com a vida. “Não que as crianças em um momento se preparem para a vida e, em outro, efetivamente vivam. A educação e a vida não podem estar

¹ Relato de Experiência na Educação Básica em escola da Rede pública estadual.

² Professora da rede pública no Instituto Estadual de Educação Guilherme Clemente Köehler e supervisora do PIBID/CAPES/UNIJUI- subprojeto Pedagogia, analuisafaistek@yahoo.com.br

separadas. Ao mesmo tempo em que vivemos, experimentamos e aprendemos”. A atividade que faz parte desse relato de experiência foi organizada com o objetivo desenvolver o autoconhecimento e a percepção de que a existência de cada um se relaciona com o mundo ao seu redor.

A literatura traz a personagem Ula e suas indagações filosóficas de uma forma próxima ao mundo das crianças. Nesse sentido, as crianças são estimuladas, pela própria literatura, a levantar discussões, seguindo os questionamentos apresentados pela personagem. A proposta de trabalho inicia-se com a leitura dos capítulos, seguidos da discussão filosófica a respeito das questões apresentadas por Ula. O estudo da literatura deu-se em partes e a cada leitura realizada os alunos produziram inferências sobre as temáticas apresentadas.

A primeira grande questão apresentada por Ula é a respeito de si mesma: quem eu sou?” Essa dúvida é repassada aos alunos e estes são desafiados num primeiro momento a olharem-se no espelho, assim como a personagem: buscar o eu que se reflete no fundo dos olhos de cada um. Essa atividade foi desafiadora para as crianças, pois, embora todas estejam acostumadas a olharem-se rotineiramente no espelho, o ato de buscar o próprio olho causou num primeiro momento medo e estranhamento. Encorajadas, passaram a brincar com os espelhos e a olharem-se de diferentes formas, produzindo diferentes expressões faciais. Após essa atividade, cada um produziu em desenho o seu autorretrato. A seguir, cada aluno recortou de revistas diversas palavras que expressassem algo a respeito de si mesmo. Após a colagem das palavras, os alunos as apresentaram para a turma. Esse foi um momento de trocas e de afirmação identitária, uma vez que todos puderam falar a respeito das definições pessoais feitas por cada colega. Em um outro momento, foi realizada a atividade “se eu fosse”, na qual as crianças retiravam uma palavra e deveriam dizer o que fariam se fossem: adulto, muito alto, muito pequeno, muito rápido, invisível, cantor, jogador, professor... Essas etapas serviram como suporte para que cada aluno elaborasse o seu texto respondendo à pergunta “quem eu sou?”.

Em outra parte do livro, Ula se indaga sobre “o olho e o olhar e se pergunta: será que meu olho vê as mesmas coisas que o seu? Essas indagações foram repassadas às crianças de forma que pudessem diferenciar os olhares produzidos pelas pessoas em diferentes situações e as diferentes formas que temos de olhar uma mesma realidade. Após o debate, os alunos recortaram de revistas diversos olhares e criaram definições como alegria, tristeza, medo, esperteza, dúvida... Em seus relatos as crianças perceberam

que os olhares estão associados aos sentimentos e que um mesmo objeto ou situação pode ter significações diferentes dependendo do olho de quem o vê.

Nas etapas seguintes, Ula questiona-se sobre o agora, momento único que acontece a todo instante de nossas vidas e sobre o nada e o vazio. Foi realizada uma experiência imaginária com os alunos. Com os olhos fechados eles deveriam descrever como percebiam o nada, se era possível existir o nada e onde ele estaria. Muitos remeteram seus pensamentos ao início da vida na terra, faziam perguntas, davam explicações, pensavam na escuridão do universo... Quando perguntados que cor dariam ao nada, a maioria dos alunos referiu-se à cor preta. Usando a sala de informática os alunos pesquisaram imagens que retratavam o tema. Também pesquisaram sobre o sistema solar e refletiram sobre a vida na terra: plantas, animais e seres humanos vivendo interligados. As conduções das reflexões se basearam no pensamento de Morin (2005, p. 77), o qual afirma que a humanidade está diante de uma tomada de posição onde todos são obrigados a responder aos grandes desafios, pois “é preciso reaprender a ver, a conceber, a pensar e a agir, diante da necessidade de salvar a biosfera e civilizar o mundo”.

Ula finaliza seus questionamentos ouvindo seu avô contar sobre os mitos da caverna. Antes da história ser contada, foi repassado aos alunos algumas informações sobre o filósofo Platão: ano que nasceu, onde viveu e o que fazia. Após ouvirem a história, os alunos foram questionados sobre a falsa percepção da realidade, a alienação humana quando não somos capazes de buscar, investigar, estudar... Em seguida, os alunos representaram em desenho situações nas quais podiam perceber o mundo das cores e o mundo das sombras. Para melhor compreensão do assunto, foi lido a história em quadrinhos produzida por Maurício de Souza denominada “Piteco e o mito das cavernas”. Na releitura dos textos os alunos traçaram um paralelo entre as coisas que nos prendem e não nos deixam ver o mundo como é: televisão, celular, computador...

As atividades realizadas com os alunos originaram um pequeno livro individual, sendo que as crianças escolheram como título o seu nome e a frase “Brincando de pensar”. Isso demonstra o envolvimento que tiveram com a obra e a empatia com a personagem protagonista que conduziu todas as discussões. Durante todas as etapas, os alunos participaram ativamente e manifestavam muito orgulho de suas produções. Houve um aprimoramento das produções textuais, pois conseguiram trazer novos elementos para os textos e ampliar a descrição de si mesmos. Pode-se dizer que foi uma boa caminhada filosófica, da qual cada um pode perceber a si e aos outros sob um novo olhar.

A realização deste trabalho possibilitou aos alunos uma compreensão melhor de si mesmos e do mundo a sua volta. A literatura como suporte filosófico possibilita que a criança compreenda diversos conceitos e a amplie os seus saberes, busque respostas e faça novas perguntas. As atividades desenvolvidas ampliaram a participação, a iniciativa e a criatividade dos alunos. Houve um significativo crescimento nas produções textuais dos alunos, especialmente na descrição de si mesmos, pois os alunos foram capazes de se perceberem como sujeito que além de um nome, também gosta de brincar, imaginar, fantasiar, tem seus sonhos, desejos e preocupações com o todo da vida que o cerca. Sendo assim, o estudo atingiu o objetivo de propiciar aos alunos situações que favorecessem o autoconhecimento e a percepção de que cada um de nós faz parte de um todo amplo e complexo que compõem a vida na terra.

Palavras-chave: Educação; Literatura; Filosofia; Crianças; Escola.

REFERÊNCIAS

- DEWEY, John. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1975.
- MORIN, E.; KERN, A. **Terra Pátria**. 5ª Ed. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- SARDI, Sérgio A. **Ula- brincando de pensar**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- SARDI, Sérgio A. **A vivência como princípio metodológico do filosofar com crianças**. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reeducacao/article/view/4453>, Acesso em 30/11/2017.
- SOUZA Maurício de. **As sombras da vida com Piteco**. Disponível em <https://livrepensamento.com/2014/02/11/o-mito-da-caverna-de-platao-em-quadrinhos/> Acesso em 30/11/2017.